

O olhar das crianças bororo sobre a cultura: desenhos infantis e representação

The bororo children's look at culture: children's drawings and representation

Carla Fabiana Costa Calarge¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v17i32.466>

Resumo: O objetivo deste trabalho é refletir sobre a representação bororo a partir da análise iconográfica de desenhos produzidos pelas crianças indígenas. O contexto de desenvolvimento das atividades foram as oficinas de produção de conteúdo da exposição “Boe Nure Imi” ou “Io Sono Bororo” que aconteceu em outubro de 2004, em Gênova, na Itália. Os materiais fazem parte do Acervo Documental do Museu das Culturas Dom Bosco e são relevantes pelos vários aspectos da cultura bororo e pelas representações simbólicas presentes nos desenhos. Partimos do pressuposto de que a criança tem papel ativo na sociedade, construindo significados, relações a partir do contexto em que se insere.

Palavras-chave: povos indígenas; bororo; infância indígena; desenho; identidade.

Abstract: The objective of this work is to reflect on Bororo representation from the iconographic analysis of drawings produced by indigenous children. The context for the development of the activities was the production of content for the exhibition “Boe Nure Imi” or “Io Sono Bororo” occurred in October 2004 in Génova, Italy. This drawings have been maintained in Museu das Culturas Dom Bosco and are relevant for the study of Bororo culture and the their symbolic representations in the present. We start from the assumption that the child has an active role in society, constructing meanings, relationships from the context in which they are inserted.

Key words: indigenous peoples, bororo, indigenous childhood, drawing, identity.

Sobre a autora:

Graduada em Ciências Sociais pela UFMS e em Comunicação Social pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt), com área de concentração em Antropologia Sociocultural da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente é professora da UCDB e responsável pela Coleção de Etnologia do Museu das Culturas Dom Bosco. **E-mail:** carla.calarge@gmail.com

¹ Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a representação bororo a partir da análise iconográfica de desenhos produzidos pelas crianças indígenas. Os desenhos infantis têm sido usados nas pesquisas antropológicas como referências para investigação sobre as suas representações. Clarice Cohn (2009) nos diz que a criança tem papel ativo na sociedade, interage com os adultos e outras crianças, constrói relações e representações, mais ainda, na perspectiva da cultura como um sistema simbólico, as crianças são sujeitos que formulam um sentido ao contexto em que estão inseridas.

Sabemos hoje que a criança é de fato um sujeito, ator social, que se distingue do adulto psíquica, cognitiva e afetivamente. A partir dessa perspectiva, supera-se a ideia da criança como um adulto em miniatura, um ser incompleto, em formação (POLESE; PÁDUA, 2014).

Os desenhos aqui apresentados compõem parte da coleção documental do Museu das Culturas Dom Bosco e foram desenvolvidos na ocasião da Exposição “Io Sono Bororo”. A autora participou das oficinas de confecção desses desenhos em Meruri, em 2004, e reencontra essas peças no Museu das Culturas Dom Bosco, agora, no papel de antropóloga responsável pela coleção etnográfica bororo. Despertou seu interesse a riqueza de detalhes dos materiais, o cuidado estético empreendido pelas crianças e as várias representações do contexto social em que estavam inseridas naquela ocasião.

Importante mencionar que a exposição mencionada foi produzida para o Museu Delle Culture Del Mondo – Castello D’ Albertis de Gênova, o tema “Io Sono Bororo” (Eu sou Bororo). O objetivo dos curadores era representar a situação atual do povo bororo em uma dinâmica multimídia, com peças tradicionais, elementos de uso cotidiano e depoimentos em audiovisual.

Das várias discussões do grupo sobre o que expor e como expor, demandou-se a realização de oficinas tanto para a produção de novas peças, como para a contextualização da vida e da cultura material bororo em Meruri, gravação de depoimentos em audiovisual, entre outros. Nesses dias, enquanto realizavam-se as oficinas de confecção dos adornos pelos adultos, as crianças desenhavam em uma das mesas do Centro de Cultura Bororo, anexo à Missão Salesiana; em outros momentos, transitavam pelos espaços do Centro de Cultura, participando como coadjuvantes das oficinas.

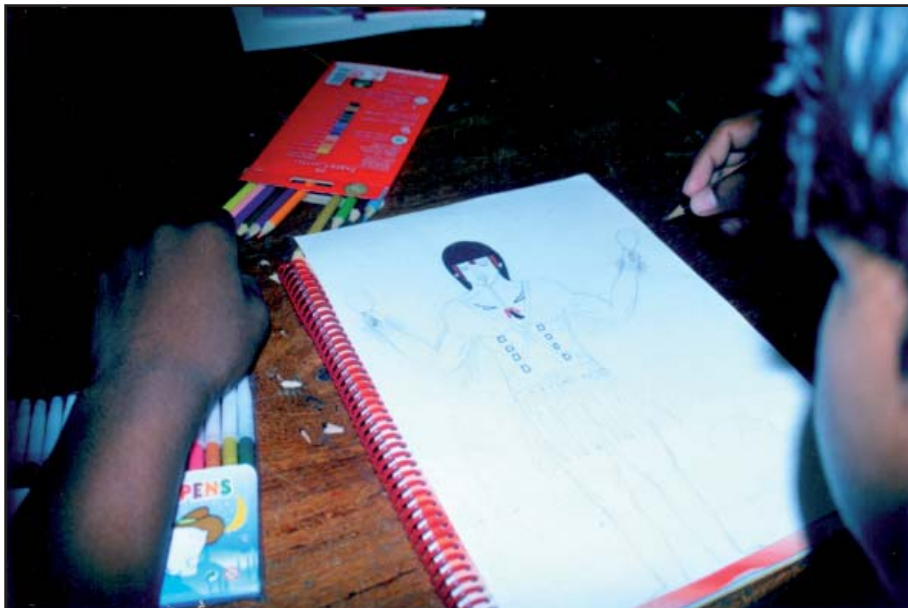


Figura 1 - Oficina de desenho

Fonte: Elaborada pela autora

Por esses e outros motivos, as oficinas de desenho se mostraram uma experiência interessante, havia um intenso trânsito de significados, de um lado o universo das crianças se revelava, nos vários elementos percebidos por elas no cotidiano da aldeia, sua identidade, nas representações dicotômicas presentes nos desenhos, mas também novos significados eram desenvolvidos a partir da proximidade delas com os demais membros da comunidade na produção das peças da exposição.

Para além do contexto em que os objetos foram confeccionados, é importante refletir sobre as representações que se evidenciam nos materiais e justificar a seleção deles. No acervo do Museu das Culturas Dom Bosco, estão documentados 23 desenhos que dividimos aqui, para fins metodológicos, entre objetos que representam cenas relacionadas aos rituais da cultura bororo e outras que apresentam elementos da situação atual do grupo. Escolhemos as imagens do segundo grupo porque elas evidenciam a percepção dessas crianças sobre seu contexto, trazendo elementos contrastantes e até mesmo inusitados.

Para a autora, os desenhos aqui apresentados evidenciam mais do que o universo infantil, eles nos trazem a perspectiva da vida na aldeia, no contexto atual de convivência em relação à sociedade envolvente. Chama-nos a

atenção a recorrente presença dos elementos marcadores da diversidade étnica, se tomarmos como referência outros desenhos produzidos por crianças não indígenas, seja ele a casa ao fundo, a aldeia, uma esteira.



Figura 2 – Mulher indígena comendo biscoito

Fonte: Arquivo do Museu das Culturas Dom Bosco

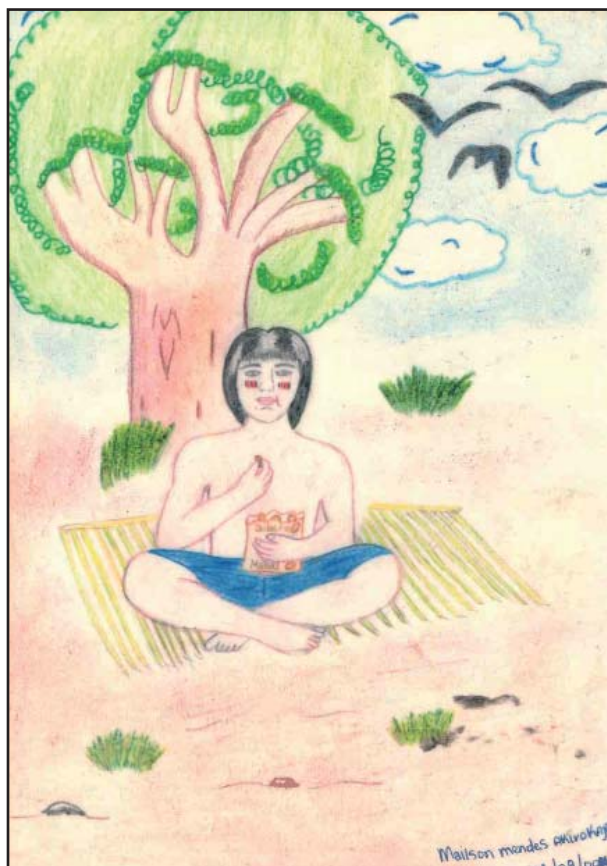


Figura 3 – Menino indígena comendo biscoito

Fonte: Arquivo do Museu das Culturas Dom Bosco

O impacto da colonização sobre a cultura bororo incutiu hábitos inovadores em relação à cultura tradicional, as figuras 1 e 2, do mesmo autor, apresentam o consumo de alimentos industrializados, mais especificamente as bolachas. As etnografias mostram que, tradicionalmente, os Bororo possuíam dieta abundante em animais e plantas que estavam presentes na área de assentamento do grupo. A região *orarimogodoge* (das plagas dos peixes pintados), por exemplo, é farta em peixes, mamíferos, répteis e aves². As gorduras eram obtidas dos peixes, como o pacu. A dieta compunha-se ainda de frutos e sementes oleaginosas como o coco e o pequi, que em geral são consumidos crus.

² Os alimentos mencionados são fontes proteicas que fornecem albumina que, sabe-se, está também presente na clara do ovo. Esses alimentos são fundamentais na dieta humana porque são responsáveis pela constituição do plasma sanguíneo.

A inserção de alimentos industrializados desencadeia tanto questões dietéticas, que acabam por desencadear doenças crônicas e outros problemas de saúde, como denuncia o problema territorial.

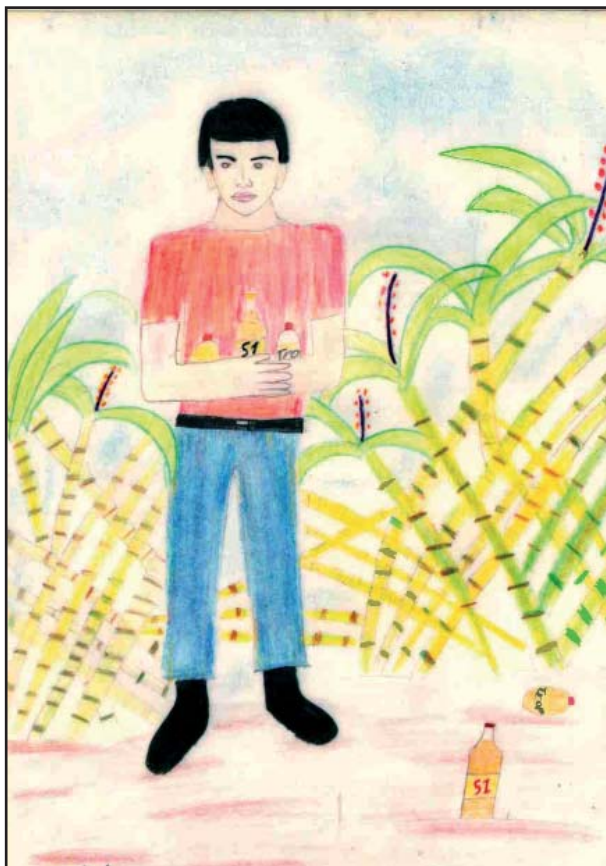


Figura 4 - Homem com várias garrafas de cachaça

Fonte: Arquivo do Museu das Culturas Dom Bosco



Figura 5 – Homem consumindo cachaça

Fonte: Arquivo do Museu das Culturas Dom Bosco

É sabido que o fornecimento de álcool aos indígenas foi utilizado largamente como meio de “pacificação”, isso porque esse recurso desarmava os indígenas que se deixavam facilmente dominar depois de estarem dependentes. Essa é uma realidade vivenciada entre os indígenas, não apenas da etnia bororo; e, ao mesmo tempo, não afeta significativamente a população. Chama a atenção nos desenhos o cenário em que estão ambientados, as personagens não estão na aldeia, eles estão “próximos” ao mato, uma condição de marginalidade. A prática do alcoolismo é percebida então como algo “clandestino” que não se desenvolve junto aos demais.

É importante lembrar que o consumo de álcool está presente em muitas sociedades, mas que, nesse contexto, “beber” é tornado um problema (SOUZA, 2006). Isso porque a forma de beber passa a trazer impactos negativos para a vida do indivíduo, para sua família e para a comunidade. Ou seja, os desenhos evidenciam um significado cultural negativo para a utilização das bebidas alcoólicas, e essa é uma pauta recorrente no cotidiano indígena.

Outro desenho que nos chama a atenção é a Figura 5. Apesar da organização circular tradicional não estar presente em várias áreas de assentamento atuais – por exemplo, Meruri, Sangradouro/Kudoro Jari e Jarudori –, ele é o modelo ideal para a representação da sociedade bororo e seu universo. É

importante rememorar essa organização e perceber vários de seus elementos presentes no desenho, além da televisão e da caminhonete. A televisão já é parte do cotidiano da grande maioria das famílias bororo de Meruri.

No modelo ideal da aldeia, a oeste, fora do círculo de casas fica um terreno circular também chamado *aijemuga* que se liga ao pátio em frente à casa dos homens chamado *bororo* (no desenho, é onde vemos presente a televisão). É este caminho que é chamado *aijerea* ou *aroee-rea*, termo traduzido por “caminho das almas” (VIERTLER, 1976, p. 22). A casa tradicional é retangular, coberta e cercada por folhas de babaçu trançadas.

Também vemos na figura personagens que parecem estar vivendo o cotidiano, o que pode simbolizar essa relação entre a televisão e o cotidiano da aldeia. Tradicionalmente, a maior parte do cotidiano se desenvolve no pátio, onde os bororo se relacionam, cozinham e trabalham.

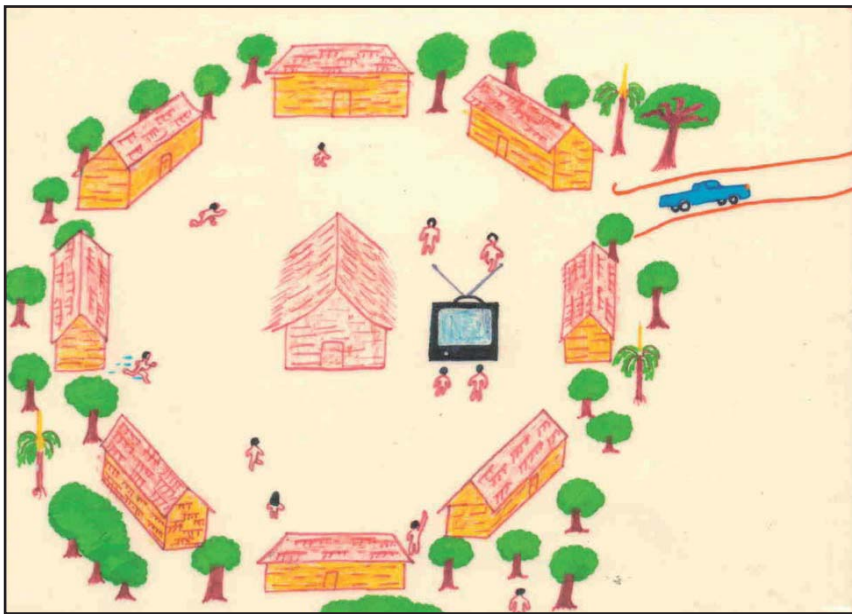


Figura 6 – Representação da Aldeia tradicional, o carro e a televisão

Fonte: Arquivo do Museu das Culturas Dom Bosco

As figuras 6 e 7 também trazem elementos dessa relação com a tecnologia, e o que chama a atenção em ambas é a inscrição em língua bororo. Na primeira imagem, “Boe Nure Imi” significa “Eu sou Bororo” e na segunda “Boe Ero”. *Ero* tem sentido de esperteza, capacidade. Chama a atenção a

manifestação identitária nos desenhos, a pintura no rosto e a preocupação de marcar a distinção.



Figura 7 – Jovem com CD

Fonte: Arquivo do Museu das Culturas Dom Bosco



Figura 8 – Computador

Fonte: Arquivo do Museu das Culturas Dom Bosco

Importante lembrar que as atividades de desenho realizadas pelas crianças foram desenvolvidas no contexto de produção de materiais para a exposição italiana, já mencionada. Os significados que emergem ao leitor falam de como as crianças bororo se representam e vários elementos que demarcam a sua distinção enquanto grupo étnico. Por isso é importante relativizarmos nossa análise lembrando o texto de Spivak (2010) que resgata dois sentidos para o termo “representação”. O primeiro sentido de “falar por” e o segundo de afirmação do sujeito.

Nesse sentido, a partir do nosso lugar, analisamos imagens que, de certo modo, acabam descontextualizadas pelo tempo e pelo espaço em que se encontram, por outro lado, as reflexões contribuem para a construção dos elementos que documentam a coleção etnográfica no Museu das Culturas Dom Bosco. As imagens falam muito por si, elas representam o próprio sentido

de afirmação desses sujeitos, que, apesar de jovens, encontram-se completamente imersos nas relações estabelecidas na sociedade em que vivem, possuem olhares particulares e carregados de significados.

Referências

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

POLESE, Nathalia Cunha; PÁDUA, Karla Cunha. As culturas infantis na diversidade dos contextos: um estudo da criança na Aldeia Canuanã. *Revista Tellus*, Campo Grande, ano 14, n. 27, p. 129-147, jul./dez. 2014.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de; GARNELO, Luíza. Desconstruindo o alcoolismo: notas a partir da construção do objeto de pesquisa no contexto indígena. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 279-292, abr./jun. 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VIERTLER, Renate Brigitte. *As aldeias bororo: alguns aspectos da sua organização social*. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1976. (Coleção Museu Paulista, Série Etnologia, v. 2).

Recebido em 10 de janeiro de 2017

Aprovado para publicação em 20 de março de 2017

